

E- Queria que começasses por me dizer há quanto tempo colaboras com o centro comunitário e quais são as tuas funções a nível da dinamização do grupo?

e- Portanto, comecei com eles em Abril... de 2010, exato. Abril de 2010, portanto vai fazer 2 anos daqui uma semana. Em 2010 no projecto, no âmbito do projecto “Mais Próximo” da Cruz Vermelha e a Cruz Vermelha parece-me que o projecto tem várias parcerias, nomeadamente a Fundação e o Centro Comunitário. E a ideia do... ah! Surgiu a ideia do Teatro do Oprimido com a [confidencial] que tinha tido uma reunião em 2009, se não me engano...

E- Há um ano não é?

e- Há um ano, com os contactos locais dos desenvolvimentos em Faro... ela estava lá, foi convidada pela escola onde ela estava, acho eu ou uma coisa assim. Falou do Teatro do Oprimido com uma metodologia que era bom para trabalhar os problemas sociais isto... havia pessoas da Cruz Vermelha que acharam bem e encontraram-se com a Anita e decidiram, portanto, no projeto deles de pôr algumas horas... acho que era um... sei lá 4 ou 5 horas por semana em dois bairros. Surgiu assim, depois a Anita aaa em 2010 estava a trabalhar por tardes (imperceptível) nas escola e sabia que eu vinha... ah! quando a Anita fez essa proposta em 2009 também sabia que havia um plano que ela conhecia o Tó e era amiga do Tó e sabia que eu vinha, portanto ela devia ter pensado: “Eh pá de qualquer forma se eu não posso sei que a Júlia vem, mesmo se a Júlia vem e que eu aceite o projecto me pode ajudar”... é assim, ela sabia que havia um recurso e pronto... Abril de 2010 comecei, com, com, a Fundação e comecei com 2 grupos: um de manhã e um de tarde. E de tarde havia adolescentes mais velhos queee alguns meses depois, foi em Janeiro do ano passado 2011 disseram: “Epá Júlia depois da festa de Natal...”, que tinha sido complicado porque os miúdos faltavam muito, desconcentrados, os mais velhos sentiam-se um pouco envergonhado (de má qualidade, entre aspas) e viram os mais velhos da Ala 10 que tinham sido profissionais, não é, acho que a terceira, viram os que eles faziam e sentiam-se um pouco assim. Fizera-me o pedido, em Janeiro, para fazer um grupo só deles, dos mais velhos. Nós queremos trabalhar os mais velhos porque com os mais pequeninos é complicado. Então durante os primeiros tempinhos tive 3 grupos, das crianças e dos mais velhos, uma minoria. E depois da criança à tarde só que tive também de deixar porque também era muitas horas

e a Cruz Vermelha não podia pagar, não podia pagar tudo, portanto sacrifiquei um pouco os mais pequeninos à tarde por isso estão sempre a chatear

E- [E querem teatro.

e- Pronto, isto começou assim. Porque eu tava no centro comunitário em Teatro do Oprimido sim, mas não com todos, porque não vão fazer teatro fórum nem nada mas eu acho que é uma expressão teatral muito baseado nas metodologias do Teatro do Oprimido, pronto.

E- E como é que tu caracterizas esse bairro e essa comunidade ou... a nível de

e- [Para mim é uma favela. É como se fosse uma favela sem, a nível arquitectónico é uma favela autêntica eee do outro lado da linha é isolada, cada vez mais isolada com essa coisa do trânsito que puseram o trânsito só num sentido, pode-se sair da cidade pela favela mas não se pode entrar na favela para a cidade. Não faz parte da cidade, simbolicamente, tem dinâmicas próprias, tem liderança, tem regras entre elas, tem duas vidas: uma de dia e uma de noite, aí de noite é perigoso. Há pessoas que vêm de fora a este bairro procurar droga ou traficar porque é um bairro, a polícia não vem, portanto é um sitio onde não estão vigiados. Os próprios habitantes deste bairro se queixam da falta de segurança, eles próprios foram todos roubados, as casotas deles não têm nada eles foram roubados várias vezes aaa durante o dia somos muito bem acolhidos. Eu acho que durante o dia as pessoas estão contentes, as pessoas de fora, estão habituados a ter pessoas de fora. Isto é um bom ponto do trabalho da Fundação onde há grupos, turmas, fazer visitas, pronto. Acho que sim, a malta gosta de ter visitas durante o dia, de falar, de fazer coisas, brincar, rir, de falar. Eu sempre fui muito bem acolhida acho que nunca tive nenhum problema nem de violência nem de agressividade, nada. O facto de trabalhar com as crianças é uma boa porta de entrada para contactarmos os adultos e depois a Fundação tá, o centro comunitário tá há 10 anos, tem uma grande (imperceptível), no bairro então facilita. Eles fazem um bom trabalho, as pessoas gostam do trabalho que fazem, é um ponto de referência positiva... no bairro. Os miúdos também tão lá com regras, com princípios, etc., e acho que facilita muito a interação com o resto da comunidade. Mas para mim é uma favela, um bairro abandonado. Um bairro que foi esquecido, (imperceptível) depois passaram a batata quente um ao outro, nunca resolveram os problemas dessas pessoas que no início estavam lá à espera de uma casa, estão à espera há 30 anos.

E- Pois o bairro tem uma emergência de

e- [Exatamente. Uma média de 30 anos, pronto. É um bairro, mas é um bairro que tem vida de bairro que tem... que tem as suas... dinâmicas e pronto e etc. É pobre, sim, bastante pobre. A malta trabalha, muita gente que trabalha. Como uma favela autêntica, é um gueto de noite, acho que de dia não é gueto, de dia pode-se ir lá falar com as pessoas, trazer roupa, fazer coisas com os miúdos, com jovens, com as mulheres. Agora de noite acho que é injusto porque é um bairro esquecido de noite, a nível de segurança e traz a marginalidade toda, não só de Faro como fora de Faro. As pessoas culpabilizam muito os habitantes do bairro de serem os problemáticos mas muitas vezes são as pessoas de fora que vêm fazer a porcaria, mas tem aquele carimbo não é!

E- E a nível dos problemas que te vais apercebendo que as famílias têm ou que as pessoas têm. Já falaste da segurança, da questão de serem pobres, a nível habitacional também.

e- Bom sim, habitacional, a maioria não tem casa de banho... a maioria dos miúdos com quem trabalhamos não têm duche, não têm casa de banho aaa é muito quente de Verão e muito frio de Inverno, é perigoso, tem ratos, tem esgotos assim que estão entupidos regularmente, não tem sanita muitas vezes aaa têm eletricidade quando pagam mas muitas vezes também não pagam. Têm água mas não pagam, muitas vezes não têm água. Portanto a nível de bairro é terrível. Depois a nível social muitas vezes... ou uns ou são ciganos ou não são ciganos mas vivem no bairro da Horta da Areia, são dois carimbos porque ciganos é o cigano e a Horta da Areia, aqui não é cigano é Horta da Areia, que é outro carimbo de marginalização que faz com que as pessoas não encontrem trabalho porque estão na Horta da Areia simplesmente! Há um medo dessas pessoas, parece que não são humanos, quando as pessoas falam da Horta da Areia: “Ahh”, tipo os cães, as pessoas, o lixo, assim um estigma social que eu acho que é MUITO FORTE. Depois faz as coisas bem e o emprego, acho que o emprego ééé... os ciganos desenrascam-se, eu acho que têm mais facilidade de trabalhar não é. Eles vão recolher as coisas, vão vender nas feiras, fazem *business* de cavalos, assim uns *biscates*, a malta vai pescar, pronto. Mas é uma economia muito pequenina... muito pequenina. Os miúdos vão todos à escola, alguns não vão porque... porque a escola não responde às necessidades também, alguns não vão mas há muitos que vão.

E- Do grupo?

e- Vão todos, vão todos. Alguns safam-se bem.

E- E a nível de potencialidades do bairro. O que achas que há de bom? Não temos de falar só das coisas más.

e- Para mim o que *tá* bom, por exemplo, eu vejo das crianças, eu acho que tem um verdadeiro território de jogo aaa e brincam muito... não *tão* em casa em frente do computador sozinhos, não estão sozinhos, têm amigos, têm relações sociais tem... e *tão* sempre na vigilância de um adulto ainda, isso é bom, acho que a nível de vizinhança cada um olha um miúdo que está a brincar em frente, estão muitas vezes fora, na rua... na rua deles, no bairro deles. Acho que sim, que os miúdos que não estão sozinhos, têm amizades, têm amigos, têm família, isso eu acho que são coisas que pronto! Vizinhança, atitude eu acho que... há boas interações de vizinhança e há más interações de vizinhança, também porque há pessoas que se detestam. Aaa acho que se o bairro fosse mais unido, se houvesse mais, haveria inclusive um potencial de ter um barzinho, vender coisinhas, porque há pessoas que fazem coisas. Há um senhor que faz coisas com fósforos, por exemplo, há senhoras que podiam cozinhar... podia haver, mas com essas leis todas da ASAE que proibi, podia ser um bairro até que viva, com comércio e pronto. Até arranjado fazia tipo como bairros que há nesse mundo fora. O bairro Laboca em Buenos Aires, que era um bairro igualzinho, de chapa, etc, que era um bairro de italianos que desembarcavam na Argentina, inventaram o Tango e virou um bairro de moda... há tasquinhas e pronto. O bairro Alto em Lisboa, desculpa, de putas e companhias e é um bairro de moda. Eu acho que podia até ser, inclusive, haver um potencial de comércio, não é?! Com as casas melhores, com as ruas com luzes, com banquinhos, vender as conquilhas, para os turistas (imperceptível). Só que um: não é permitido e ainda não há esse, eu acho que não há essa necessidade no bairro. Quer dizer, se houvesse, havia potencial de ganhar dinheiro e a malta organizava-se... de certeza! As carroças dos ciganos, os passeios com os burros ou cavalos funcionaria, eu tenho a certeza. (imperceptível). Em vez de ter isto como um problema ter isto como potencial, quer dizer... mas acho que falta, falta muito... é uma mudança de mentalidades e de política brutal! Mas não é impossível.

E- Estás a falar numa comunidade ali ou pelo facto de haver birras entre as famílias que destrutura um pouco

e- [Acho que sim. É uma comunidade e não é uma comunidade, pronto. Depois há subgrupos também, subgrupos dos feirantes, dos ciganos, cabo-verdianos (que nunca se vê ou estão organizados de outra forma). Há subgrupos, humm (pausa 4s) mas todos se identificam como o bairro da Horta da Areia apesar de tudo, todos eles indicam o cantinho deles, a casinha deles, a Horta da Areia, pronto todos têm... ou vergonha de dizer que vêm de lá ou um certo orgulho também, portanto é ambíguo o sentimento. Portanto é organizado e não é organizado. Se calhar não é organizado conscientemente ou com objectivos claros, mas há uma organização, as pessoas identificam-se como de lá. Tem uma história, tem vivências colectivas, tem pronto (pausa 5s)

E- E a nível do centro comunitário o que achas do trabalho que tem sido desenvolvido por eles, pelos técnicos com a comunidade? Daquilo que tem sido as tuas experiências.

e- Eu gosto da forma como trabalho. Acho que é um espaço aberto... a porta quando está fechada aqui, porque eles precisam trabalhar muitas coisas e eles têm razão porque senão é uma bagunça total. Mas as pessoas estão em casa, podem fazer telefonemas, podem tomar banho, pode ter qualquer tipo de ajuda (se eles podem dar dão). Depois quando fiz a oficina das vizinhas com as mulheres, pedimos para elas olhar o mapa e dizer o sítio que gostavam mais do bairro e gostavam menos... todos foram unânimes, a Fundação, o Centro comunitário era o ponto de referência positiva é o sítio onde podiam encontrar apoio. Os miúdos delas, das mulheres, também estão lá em segurança, para eles também é importante saber que eles estão lá em segurança, são bem tratados, têm lanche e fazem coisas diferentes. Depois o que eu gosto é um Centro plural são capazes de fazer um telefonema para a Segurança Social com, de ajudar a fazer um trabalho de casa sobre matemática, como a dar conselhos como dar o leite ao bebé como...

E- Achas que o trabalho deles vai muito de encontro às necessidades das pessoas?

e- Claro! Depois também não é sempre trabalho por projectos é um Centro que está lá, e está lá! Portanto, é a mesma equipa que está durante anos que eu acho MUITO importante... que também é importante para eles, porque encontrar motivação para continuar não é simples mas aaa é uma equipa pequenina e pronto. Mas acho que ... e tem muito bons pontos. A animadora conhece os miúdos de há 10 anos portanto ela pode seguir bem, o motivar bem, sem problema algum (embora depois a confiança aí cai e pronto) isto acho que são bons pontos. Falta visibilidade, muita visibilidade de trabalho.

E- O Paulo falou-me disso também.

e- É! Reconhecimento externo porque do público eles têm. As pessoas vêm, gostam. Se o Centro fechasse era terrível não é, o público é essencial, o público-alvo. Agora de fora falta muito reconhecimento, falta muitos recursos humanos, falta espaços, precisamos de uma sala maior para fazer coisas diferentes aaa (pausa 3s) hum sim, a nova geração (não sei dos mais velhos que agora estão a crescer) da “Minoria do Gueto” ver se pode-se formar alguns, alguns querem-se formar em, em pressões sociais... porque não!? Começa haver habitantes que estejam no Centro para dinamizar coisas, se calhar MUITA BOM! Ainda as pessoas utilizam o Centro como espaço de consumo, pedem, pedem coisas (também por culpa deles, obviamente não é, providenciam-se elites), mas também fazem coisas, quando há uma festa a malta está lá para organizar a festa, quer dizer... quando é a hora da limpeza toda a gente anda na rua a limpar aaa se é preciso pintar há sempre alguém do bairro para ajudar, acho que podem contar aaa... agora a marca ainda não é um Centro onde os habitantes estão organizados por eles próprios, pronto. Não é o Centro que foi criado pelos habitantes para os habitantes... vêm de fora com uma equipa de fora (que não deixa de ser bom porque também tem uma visão muito mais externa) mas na equipa se houvesse alguém do meio acho que era muito bom!

E- E a nível do trabalho que eles fazem com as crianças e com os jovens. Achas que vai, em que sentido, o que achas que poderá trazer de positivo?

e- Bom, há coisas que eu gosto de, que eles fazem com as crianças e jovens que é as regras... dentro do espaço... e para mim são regras que serve para a vida, pronto. Cumprimentar, dar beijinhos, ser limpo, respeitar o espaço (os miúdos respeitam muito o espaço, arrumam o espaço, varrem o espaço, etc, o espaço deles e eles cuidam muito bem disso) e isso eu acho muito positivo porque é... isto não precisa de realizar uma grande atividade, é no dia-a-dia, no dia-a-dia é seu o espaço, mas tu cuidas dele, e tu cuidas das pessoas que vivem nesse espaço e que trabalham nesse espaço. Isto acho que eles conseguem muito bem! Acho que os miúdos são muito respeitosos do sítio e das pessoas, cada um com os seus feitios e com os seus altos e baixos, mas no geral acho que não há problema. Eu gosto muito do trabalho que eles fazem, as regras... que são regras básicas... realmente não há regras estúpidas são regras de vida básica, pronto... que falta muito nessas crianças e que eu acho que pode ajudar a ir para a escola e para

pronto. Depois têm uma relação bastante horizontal com os miúdos. Os miúdos não têm que os tratar por você, usam os nome, o tu, têm o direito de falar, uma relação bastante horizontal parece-me justa. Acho que os miúdos percebem muito bem quando fazem asneiras e pronto, não há discriminação de um e de outro, os miúdos são tratados da mesma forma. Isso para mim é a base de qualquer trabalho, depois as atividades em si muitas vezes são atividades de tempos livres, pronto, mas aí é... quer dizer, não são super-homens nem super-mulheres e não têm as, os talentos todos para ensinar aos miúdos. Eu acho que já há essa dinâmica de cuidar de si, cuidar dos outros, cuidar da (imperceptível), e fazer atividades do dia-a-dia, do pintar, do desenhar, do recortar, do cantar, do dançar é *pá!!!* Eu acho que ééé... acho que é bom, pronto. Falta se calhar... mas, pelas limitações que eles têm, como um ser humano, como técnico e acho que por isso que estou à vontade da parceria, do trabalho que fiz porque trouxe uma coisa nova que eles não sabem fazer, que os miúdos adoram porque é diferente também, que não vai nada ao encontro da filoMafalda do Centro, pelo contrário, (imperceptível), acho que se calhar gostavam mais de ter esse tipo de coisas, pessoas de fora, que não trabalha no Centro, no seu dia-a-dia, no seu quotidiano, que vem algumas vezes por semana trazer uma coisa nova, uma ferramenta nova, um projeto novo que anda sozinho! Depois eles ajudam a encontrar os miúdos, a falar com os pais, a fazer esse dia-a-dia. O resto das atividades, eu acho que é... é *pá*, com o orçamento que eles têm e o tempo que eles têm e as possibilidades que eles têm, eu não vejo o que eles podem fazer mais! Eu sinceramente acho que eles estão a dar o que podem dar. E já a motivar-se a si próprio todos os dias não é, vai pensar naquele sítio, não é fácil! Vivem-se histórias de vida dramáticas, burocracia à força toda, o não reconhecimento do trabalho, e pedir para ir mais além... o que podemos pedir mais às pessoas além de respeitar o público-alvo, de fazer o que eles podem com eles, quer dizer, acho que é... não sei! Eu não me sinto legítima de criticar o trabalho que fazem. E há coisas, de vez em quando, que ou não gostam ou não estão de acordo, mas respeito muito porque eles têm 40 horas semanais ou mais...

E- É muito tempo!

e- É muito tempo! E continua a ser eles, continua a sorrir, continua a ter humor, continuar ali a ter um certo grau de distância que eu acho que é essencial para a sanidade mental deles, de qualquer forma, sem falhar... continuam a ser solidários, a fazerem o seu trabalho e não sei quê. Não entram em baixas durante meses... é *pá*,

pronto, para mim pode-se chamar de férias aaa pronto. Com os seus feitos, obviamente, mas eles nunca falam, se falam mal do seu público-alvo é porque realmente não é pelo público-alvo, é chata, por ser chata e não por ser cigana, é porque é uma CHATA, pronto. Não discriminam, são os porta-vozes, defendem, acho que é... e o público-alvo sabe muito bem que a equipa está do lado deles... e ralham e brigam e zangam-se porque é uma relação de amor-ódio, é normal, fogo! Mas acho que há muito respeito mútuo que isto para mim é a base do trabalho comunitário social, se não há não se faz. Não há hipocrisia neste projeto, não há sentimento de caridade (não há a pobrezinha), não há sentimento de superiores ou não superiores a eles, nunca ouvi e nem vi isso e isso para mim é RARO em Portugal, é MUITO raro não é! É certo que o projeto “Escolhas” começaram a mudar um pouco essa visão de, sobre o público desfavorecido (digamos assim), mas as CARITAS e companhia não! Com todo o trabalho que fazem de emergência e pronto, eu não tenho nada a dizer se alguém morre de fome é melhor ter a super CARITAS, claro que não obviamente, mas não ajuda as pessoas a saírem da miséria. (riso)

E- É assistencialista.

e- É! E lá há uma parte da resistência porque há pessoas que precisam mas sem, enfim... sem paternalismos e isto é bom... é muito bom, um bom passo para se avançar para outra coisa, para um coletivo de habitantes não sei... isto são coisas que demoram anos mas é *pá* (sopro) vamos ver! Nem sei se tenho muito tempo para pensar nisso. (riso)

E- (Risos). E a nível das famílias do grupo “Minoria do Gueto” tens contacto com elas, conheces, sabes os problemas

e- [Conheço duas... três até porque também trabalho com os mais pequeninos e porque são famílias que vêm, pronto, também isso é importante, não se esquece isso. É *pá* são famílias que frequentam o Centro, são famílias que podemos falar. Os problemas são de toda a gente, são famílias pobres.

E- Como é que os caracterizas? Quem são os miúdos e quem são as famílias que conheces, se têm irmãos?

e- Sim, todos têm irmãos. Aaa alguns são ciganos outros não ou *mixers*, uma que é *mix inclusive*.

E- É da Filipa.

e- Da Filipa sim. Aaa não sei... para mim são famílias pobres mas que tentam enquadrar os miúdos, acima de tudo são presentes, tentam perceber o que fazem. Há um pai que noutra dia encontrou-me na rua de bicicleta e: “Ah então mas o meu filho já não faz teatro porquê?” (e eu fiquei assim fogo a primeira vez que estou a ouvir os pais a falar de teatro) “Porque é muito tarde”, “Oh que pena porque eu gostava muito” e não sei quê, “Mas se calhar vamos começar com calma” e pronto. Para a maioria dos ciganos isto é...

E- Achas que foi difícil para as famílias aceitarem esta atividade ou foi

e- [Os miúdos são muito livres, os miúdos vão no ATL e a maioria não dizem que fazem teatro ou vão no ATL, na escola, no Centro e lá fazem coisas, fazem dança, fazem teatro e quando começam a cair lá para ir mostrar aí têm de falar com os pais, pronto. Acho que o que eles fazem no ATL os pais confiam. Podiam fazer Kung-Fu, cozinha não é, tanto faz! Agora começa, as pessoas começam a questionar o teatro, os miúdos começam a falar do teatro e depois vão representar o teatro e aí começa a ser, não esquecem. Tive uma conversa com uma cigana, que não é da Ala 10 e refletiu muito e disse: “Ah, afinal de conta quando era jovem, nós ciganos não tínhamos acesso a essas coisas todas. Nunca pensei que os meus filhos pudessem fazer teatro e que afinal é bom porque abre portas, abre as mentes e isso tudo”, escuto dela. Refletiu e começou a ver que afinal de contas é bom. Porque também tem essa dificuldade, esse receio da sociedade, não é culpa deles mas na sociedade a educação é a Escola, o que fazem fora da escola não é educação, não é prioritário. E eles foram tão massacrados com essa coisa de escola, e escola, e a escola, e que têm de ir à escola... alguns até começaram aperceber que afinal isto não é escola... o meu filho tem de ir à escola, inclusive agora, se o filho não for à escola perde o subsídio, perde os abonos... portanto é um castigo, é uma pressão tão grande da escola e pelo menos com um bocadinho de esforço o meu filho tem de ir à escola. O RESTO (sopro) é *pá*... não é prioritário. Mas isso é toda a gente não é só eles, eu diria. Portanto, entre ir ao teatro e ir ao shopping, o mais importante é ir ao shopping para alguns pais... (sopro) “*Pá* teatro, o que eles aprendem no teatro?”. Agora quando começa a perceber que até o miúdo desenrasca-se, tem talento, gosta e vai lá porque quer, produz qualquer, isto inclusive até... isto para os pais ciganos é extremamente importante receber *feedback* positivo (oh *pá* para qualquer

pais deve ser importante) mas para eles, como os miúdos são Reis (até uma certa idade são os Reis), quando alguém que não é cigano diz: “Ah o seu filho tem jeito, dança bem, é bom ator”, UAU para um pai cigano é maravilhoso não é?! Quando começa, afinal de contas o teatro traz uma mais-valia positiva a um filho, que se calhar vai à escola e não consegue ou sempre não quer ir ou não tem boas notas, etc. aí já começam a mudar, mas são coisas pequeninas, são mudanças muito pequeninas.

E- O que achas que eles sentem de viver no bairro, os jovens, por exemplo?

e- (Sopro). Há muita vergonha, muitos dizem que não vivem na Horta da Areia, mas muita raiva também... é tipo: “Mas o meu bairro é o meu Bairro”. Eles não pediram para viver lá e depois eles não são maus, são pessoas, jovens como qualquer um, portanto pelo facto de serem carimbados, logo à partida porque necessitam isso torna-se injusto. Portanto, é um *mix* de vergonha de não dizer, de arranjar formas de como dizia o João: “Eu digo que vivo no Bom João”, e ao mesmo tempo: “Pois quando eu vejo a internet as pessoas falam mal da Horta da Areia e fico com raiva” pois é isso, não é o bairro deles que essas pessoas falam porque as pessoas não conhecem. Ainda há pouco tempo na diocese de Faro ouve comentários da Horta da Areia, horríveis: “Eu tenho medo quando passo de carro, fecho as portas porque eu tenho medo que me assaltem, e quando passo de bicicleta os cães vão-me atacar”. É *pá* estamos onde?! No Bronx?! Quer dizer (sopro)... há uma paranoia, uma assim, que é ASSUSTADOR, quer dizer! Parem o carro, vai ao Centro, fale com as pessoas...

E- Achas que as peças deles refletem muito daquilo o que eles sentem em relação ao bairro?

e- É *pá* o problema... O Teatro do Oprimido é um teatro político, de falar das suas injustiças, opressões, (suspiro) Portugal não é um país político... tem essa consciência, eles têm a consciência daí confrontar o público com essa consciência é um passo que já fizeram a peça da escola, claro. Essa do namoro proibido também é uma coisa muito do bairro e não só, desses jovens também. Bom, acho que falta muita consciência política no sentido de dizer “eu sou cigano e vivo naquele bairro e o resto que se lixe”, pronto. Não há, então não é (imperceptível) que os pais e os portugueses nem está. Agora a pouco e pouco eu acho que chegamos... o facto de dançar, o cigano a dançar hip-hop, uma cigana dançar em público é, porque é um dos preconceitos também para quem vê. “Então ciganos ali da Horta da Areia também dançam hip-pop, ballet, que é isso?!”,

pois mas dançam e representam, não têm vergonha de representar isto eu acho forte. Agora passar a discussão com o público e o porquê e não sei o quê mas por etapas, quer dizer, devagarinho, eu acho que são jovens todos, com 15 anos, quer dizer eu aos 15 anos seria incapaz de fazer o que eles fazem, incapaz! Isto de dançar, representar, tudo isto em palco, eu seria certamente porque demorei muitos anos a chegar a falar em público, a fazer teatro. Então por isso eu não os pressiono demasiado, fazemos um bocadinho juntos, temos as suas escolhas juntos, são trabalhados de forma diferente, construímos o grupo, eles vêm o que querem, eu acho que isto é extremamente importante. São sérios, é *pá*, acho que sim... agora vai levar tempo! Temos fé.

E- E como descreves esse grupo? Se tivesses de os descrever em poucas palavras.

e- A “Minoria”?

E- “Minoria”.

e- Para mim... não sei, são adolescentes normais, com roupas normais aaa adolescentes. Reflete bem a sociedade portuguesa, a cidade europeia, a sociedade, os jovens europeus ciganos, com os dilemas deles... e o grupo não é só ciganos o que é mais fixe porque é mais rico, acho. Mas tem sonhos de jovens, músicas de jovens, preocupações de jovens aaa acho que muito simpáticos. Eu acho que a nível social são, são... em comparação com outros jovens com quem trabalhei, demorei muito menos tempo a ter uma relação normal, sem dar berros, sem fazer um pacto de confiança, sem *tá, tá, tá*... acho que são jovens que... mesmo pelo trabalho que o Centro faz porque eles frequentaram o Centro desde pequeninos, portanto, estão habituados eee eu acho que é um trabalho muito mais facilitado que com outros jovens. Eu acho inclusive muito mais simpático que muitos jovens, que tem uma

E- [De um bairro.

e- Sim. E que vê de um adulto um potencial para aprender e estão bem assim, o respeito e cada idade tem os seus feitios e não sei quê mas há também com os jovens muito mais (imperceptível) “ah teatro o que é que é isso” não é! Eles não! Estão alegres e estão agarrar as oportunidades que têm, gostam muito de estar juntos e uma das motivações deles é estar juntos, não só o teatro mas estar juntos (o que é uma motivação excelente, ainda bem!), como um grupo de amigos (pausa 4s), pronto e o facto de estar com...acho que para eles também não é a escola e não é a família, estamos a falar de grupos

diferentes não é! São eles próprios, não está aqui ninguém para julgar, para nada, pronto... e não é a família que é... as famílias ou são muito tradicionais ou estão muito por cima ou não podes fazer isto ou estão-se a *marimbar* normalmente... então acho que este é um bom ponto para eles também. Estão com adultos que eles querem falar ou não aaa têm confiança, desabafam ou não desabafam mas somos adultos diferentes. Espaço e confiança em nós, oque é ótimo, podemos falar à vontade.

E- E eles aceitaram desde início bem essa atividade

e- [Os mais velhos estavam sempre com os mais pequeninos à tarde. Sim, gostaram, claro que gostaram mas sentem-se envergonhados porque... porque os mais pequeninos não têm jeito, entre aspas. Foram eles que fizeram o pedido “tal e queremos um grupo de mais velhos e assim fazemos um grupo de mais velhos e trazemos mais pessoas” e trouxeram mais pessoas, da iniciativa deles e agora juntam a dança e acho que ainda dá mais, é fixe porque junta as duas que gostam mais também. Mas a iniciativa de constituir um grupo de jovens assim é a primeira vez e com adolescentes, nunca tivemos um grupo de adolescentes. Eu e o Paulo dissemos: “É certo que os 15 anos vão passar, pouco a pouco depois dos 15anos podemos continuar a ensaiar”. É só pedir licença e ter uma chave para poder ensaiar, portanto o grupo além das atividades do Centro, eu diria. Vai começar a ter um grupo independente, o que é fixe e pouco a pouco se calhar organizamos outras coisas diferentes... tá bem coisas para o bairro também, uns cresceram outros formaram mas acho que é um potencial.

E- Quais são as vantagens ou os aspetos fícticos que tu vês no facto de eles representarem as peças (porque depois também refletem problemas, a preocupação deles enquanto jovens), ao público?

e- É mais rico para o público (entre aspas), porque eles sabem, eles estão na escola e sabem como se defender e defenderam-se muitas vezes... e o que acho forte para eles é sentir o poder de apresentar: “Isto são os meus problemas, é assim que eu sou e sou vivo”, não é, ao público. Com dignidade e com pronto... vêm desse bairro aaa e “os meus problemas são esses” e... não é pedir ao público de ajudar mas eles não querem saber disso, mas é perguntar ao público: “que tu farias no meu lugar?”, com uma grande dificuldade. Quando fizemos aqui na universidade que as pessoas não sabiam como fazer, pronto. E eu acho que quando fizemos o fórum, a confrontação com o público, para eles é forte a nível da confrontação “eu sou assim, mostro-te os meus problemas, se

calhar tu não sabes mas é assim na sala de aula, é assim a escola”, para o público é a realidade que é assim; “oh, não sabia”, se no público eles já viveram: “eu vou mostrar-vos como se faz” a quem não sabe e não ao grupo porque o grupo sabe, mas os outros que estão no público e eu acho isso muito bom aaa eee pronto e é, como não são histórias de vitimização são histórias de injustiça e a injustiça é assim tem o carimbo da Horta da Areia, pronto. Agora o namoro proibido é a mesma coisa. Eu vou tentar ir a Portimão, se conseguirmos ir lá a um Seminário de (impercetível), sem fazer fórum porque não há tempo e porque também não está assim decidido com os jovens, mas perguntar às pessoas: “Achas que existe namoros proibidos? Porque é que os adultos proibem ou os grupos proibem que um namore com o outro? O que tem a ver?” Também nós sabe que desconhecidos que faz a diferença, que manda medo, como é diferente, não conhece portanto é um perigo, é um pouco a mensagem diferente é perigo. Portanto para mim acho que é poder para eles mostrar isto para os outros e os outros ou assim: “oh *pá* é mesmo assim como estou a dizer” e pode ter vontade de mostrar ou “ih *pá* não sabia que estavam a fazer assim, ih *pá* são pobrezinhos como é que é?”, pronto... mas falta muita consciência política, muita consciência. Acho que a grande diferença com as comunidades, com os jovens de origem africana é boa, poder desbloquear, eles têm uma consciência mais política dos seus problemas, injustiças e opressões, numa cigana não há tanta essa consciência política eee portanto há um medo de reivindicar simplesmente (suspiro), por isso que acho que os jovens têm mais dificuldade e estou a sentir isso na Ala 10, a mesma falta de política, porque são miúdos ciganos (mais uma vez) e alguns feirantes ou não sei quê... com uma falta de consciencialização da sua classe, da sua condição tipo “*tou* pobre mas sou cigano” não é!

E- Tenho direito

e- [Tem direito a ter direito, tem direito a gritar que não é injusto, tem direito a reivindicar-se... não há organização, não há... aaa não há inclusive solidariedade entre eles, poucas vezes, as pessoas lutam por elas próprias, para as casinhas delas. Portanto pedir a um jovem que tenha essa consciência e esse sim mas com muita calma e muita paciência.

E- E achas quanto tempo ou mesmo agora, achas que o teatro já faz algumas mudanças na vida deles ou poderá vir a fazer ou faz alguma diferença?

e- Na vida deles acho que não.

E- E no futuro deles?

e- Ah da vida deles sim, no sentido que pode sair do bairro que com uma atividade pode sair do bairro confrontar outras pessoas, visitar outros sítios, sim. E ter coragem para mostrar no palco aquilo que são, se calhar ainda não têm uma mudança muito consciente e quê mas acho que a longo prazo vão começar a sentir. Mas segurança em palco, mais isto com os pequeninos, segurança no poder de representação que acho que isto é interessante... mais noção do que pode ser bom na minha vida geral e tal e adquirir novas competências e sentir-me mais forte e assim ou assado... mas isto também devagarinho. Agora quanto tempo? Não sei! Eu na Lousã trabalhei com miúdos, durante 4 anos, e eram miúdos de todo o tipo, jovens um pouco mais velhos, havia de famílias muito (imperceptível) e de famílias muito mal mesmo, era um grupo muito unido um grupo de amigos da mesma turma ummm e eu acho que só agora (portanto há 2 anos que não faço nada com eles porque não trabalho lá) e agora que eles estão no 12º ou no primeiro ano da universidade reencontraram-se no facebook, reencontraram fotografias, alguns continuam no teatro (o que acho (sopro) bestial não é!) e alguns começam por uma reflexão sobre a experiência que tivemos durante 4 anos e fizemos muita coisa, não fizemos só fórum mas fizemos muita intervenção também na escola de temas diferentes, de organizar uma manifestação, de organizar uma campanha de solidariedade para angariar fundos para um projeto, enfim muita coisa feita e além do teatro. E só agora é que começa aperceber as armas que lhes deram para certas coisas há uma que: “É pá Júlia agora faço um orçamento num instante” porque fazíamos orçamentos para isto e isto e isto, ou “Ah agora também estou um especialista nos cartazes”, “Ai eu da minha turma sou a única que quando precisam de falar sou eu que vou porque não tenho medo de falar em público”... É pá! Agora que tão a perceber a herança (entre aspas) não é!

E- Achas que este grupo vais ser o mesmo, se calhar a Horta Areia ainda não tem o distanciamento para depois perceber o que isto fará

e- [Sim, sim, na Ala 10, por exemplo tive aaa na última vez uma conversa com a Raquel estava-me a dizer que se estava a lembrar (imperceptível) não sei quê, estava a lembrar-se das atividades que fez “é pá se tu te lembras do...” (há coisas que nem lembrava) tipo do Carnaval, “eh do Carnaval lembraste eu não queria fazer e ganhamos um prémio

pela originalidade e as colónias de férias...” eu acho que também é sempre para este tipo de jovens que têm poucas lembranças positivas, as famílias muitas vezes é uma desgraça, fotografias há poucas, os vídeos há poucas, não há um investimento feito na construção da memória de uma família, muito pouco. E eles estão a construir uma memória entre eles, de amigos, uma memória positiva.

E- Com as fotografias

e- [Com as fotografias, os cartazes, as T-shirts, os momentos, as imagens, as prendinhas, “ah quando fomos a Lisboa comprei isto e comprei este postal” pronto estão a construir uma memória positiva e isso é SUPER importante, acho que é ummm, uma bagagem boa. E na Ala 10, ao lado das camas deles ou entre as camas têm a fotografia de quando fomos a Lisboa fazer o teatro, toda a gente tem a sua fotografia de cama é fixe quer dizer, é uma partilha engraçada e vou mandar no facebook o cartaz da “Minoria” que fiz do amor proibido e a Verónica estava a dizer-me: “Vamos imprimir para pôr na escola”, esse tipo de coisas acho que é produtivo!

E- E para as pessoas que têm preconceitos ou que têm ideias pré-concebidas em relação ao bairro, achas que o facto de eles estarem a representar uma peça, um produto artístico estético bonito, achas que isso contribui um bocadinho para mudar a imagem que as pessoas têm do bairro?

e- Acho que sim. Já o ano passado, quando foi o mercado social, é interessante quando apresentamos essas coisas num sítio onde não tem ligação nenhuma. Por exemplo quando fomos a Lisboa com a Ala 10 o grupo vinha de subúrbios de Lisboa e de Sintra, eram, a maioria de origem africana, devem ter-se identificado logo 2 minutos da peça, etc, houve uma empatia logo que se criou porque eram os mesmos problemas, pronto. Portanto, para eles não estavam admirados com o que representam no palco porque para eles era normal, pronto. Queriam confrontar os artistas e confrontarem-se, foi incrível mas, pronto. Mas quando tu abres isto num sítio como na universidade em que o público, à partida, já tem uma imagem pré-concebida totalmente distorcida desses miúdos, tu apresentas um produto que não choque que não condiz com o que eles têm na cabeça não é... eu acho que até cria dúvidas, não pode ter a certeza mas pelo menos dúvidas. No mercado social, no ano passado, não apresentámos teatro mas a Sónia apresentou o grupo (imperceptível) elas estavam cheias de stress, nervosismo, mas estavam super bem vestidos, lindos, com fatos a dançar à maneira deles... (foi um

pouco caótico porque não tinha ensaiado muito) mas estavam a dançar com o coração e não sei quê... as pessoas gostaram, claro, e perguntaram de onde vinham: “ah mas são tão limpinhas” foi logo a resposta. Também como é que é possível, miúdos que não têm casa de banho, são lindas, limpas, maquilhadas e dançam para toda a gente no mercado social... mas isto tem de continuar não é! É que é tipo na Horta da Areia há pessoas e há pessoas boas, que fazem coisas, que produzem inclusive que têm a lata e a coragem de apresentar, foram os únicos o ano passado, com o rancho folclórico dos deficientes mentais foram os únicos que apresentaram coisas, os pobrezinhos da Horta da Areia e os deficientes mentais... que vergonha, quer dizer... não há mais nada?! Foram os únicos que tiveram coragem de se inscrever e de fazer num mercado, não é simples como um público... onde tem os velhotes todos lá, toda a malta mais tradicionalista de Faro está lá, quer dizer é preciso ter coragem, não ter medo, portanto é de uma certa forma ou uma certa consciência e uma certa (imperceptível) porque (pausa 4s) porque temos de continuar sim, de mostrar que há coisas que se faz que são coisas boas e isso é dar visibilidade ao bairro, sair do bairro e mostrarmos o que fazemos.

E- Porque tu falaste-me também de um miúdo do teatro que uma vez chegou com a professora ao pé de ti.

e- Sim com a professora e todo contente e ele disse: “ah é a minha professora de teatro”, e ela diz: “ah então é verdade” (riso).

E- Ainda há muito preconceito.

e- Pois os miúdos da Horta da Areia fazem teatro, dança e vão nas colónias de férias e que cozinham e limpam o bairro deles não é, e pronto. Essa mensagem tem de passar, tem que passar absolutamente se não é... acho que a mudança do bairro passa muito pela perceção que o bairro tem para fora... quando as pessoas perceberem que pode-se fazer coisas, pode-se ir lá, pode-se ajudar de outra forma. Há pessoas que vêm entregar roupa nem querem sair do carro, como na última vez que uma senhora veio de carro com o filho, com sacos cheio de roupa, bateu à porta de traz do Centro (enganou-se na porta não é!!!) porque não queria entrar porque tinha um cão e sei lá o quê... bateu na porta de traz, que normalmente não se abre, nós olhámos pela janela e dissemos que tinha de ir dar a volta e não queria dar a volta porque tinha medo.... e deu sacos assim quase sem sair do carro... possas um Centro cheio de miúdos, é só CRIANÇAS quer dizer... há um MEDO, medo do outro quer dizer... e acho que a única forma sim é

trazer pessoas de fora dentro do bairro, quando se pode fazer, isso são grupos organizados e etc isso acho que é essencial e levar pessoas do bairro lá fora, o MAIS possível.

E- E em termos do futuro desses jovens ou dessas crianças, principalmente os que são ciganos, têm já, as mulheres à partida têm o caminho já corto. Achas que eles vão acabar por seguir o percurso dos pais e ficar a trabalhar em coisas

e- Eu acho que as mudanças são muito lentas e são pronto.... Aaa há de tudo a mãe da Filipa é cigana e o pai não é, há casamentos mistos, há raparigas que se formam e casam com quem querem, há... agora eles têm uma grande luta sim, a luta da sociedade e do seu povo... eee temos que apoiar e não pôr contra, nem uma nem outra. Tem um novo problema no bairro que é a religião, quer dizer que agora impede de dançar... há dois dias atrás disse-me lá um: “Tenho um tempo curto com a minha filha chorei muito, chorei muito, e tive um chamamento de Deus, chorei, chorei, chorei e no fim tinha as mãos todas brilhantes” e eu disse: “o que foi isso?”, “Ah é um chamamento de Deus, um chamamento de Deus”, e eu disse: “Porque tu choraste?”, “Era a voz de Deus, era a voz de Deus”... daqui a pouco não vai poder dançar, fazer teatro, NADA! Como lutar? Eu não sei! (impercetível) esse padre, não sei se é padre... eu quase diria que é uma violação dos direitos humanos porque tu não podes proibir ninguém de dançar de dizer que é o demónio...

E- Isso é que religião?

e- Acho que o Reino de Deus. Não pode proibir... portanto isto é mais uma luta. Essas igrejas estão no sítio dos pobres, pessoas que precisam de apoio espiritual e aproveitam-se. E depois apanham esses meninos de 8,9 anos e já não vão poder dançar porque é demónio.

E- Quando dançar é uma parte interessantíssima da tradição deles

e- [Na tradição deles uma forma de se expressar e de dizer as coisas é dançar e cantar! Tipo... acho que isso não pode cortar aaa, as asas de uma cultura. Mas aí também é a própria comunidade cigana que tem de se organizar... eles podiam-se revoltar porque... mas eu não sei... são esses meninos que se calhar vão assumir o fato de fazer uma coisa proibida ou vão entrar em choque como a Catarina que dança super bem e não vai poder

dançar porque é demónio. Quando perguntei à Catarina se era mesmo demónio ela olhou para mim: (sopro) “bom....”

E- Não estava muito certa.

e- Normal. E a Catarina que é mais velha disse-me logo: “Não, não é nada”... *pá* é obvio que é uma estupidez, é uma coisa que eu não entendo, uma coisa é dizer, outra é dizer que Deus diz que não podes dançar, que é isso??!! Tenho de falar com o Paulo e fazer queixa do animal, porque o senhor não pode proibir de dançar, isto é contra a constituição portuguesa, contra os direitos humanos básicos, não é?! Estava a pensar em fazer uma queixa anónima contra esse senhor... *tá* a proibir pessoas de dançar (riso).

E- Será que funcionava?

e- Não sei! Como é que se faz?

E- Pois não sei!

e- É continuar a dançar claramente, não é! Ter esse grupo de dança e que seja bonito e seja divulgado e etc até porque a Catarina e a Raquel estão danadas, estão tristes porque não podem dançar.

E- Sim porque no outro dia elas foram ver.

e- Foram VER, foram VER não é?! Acho que a Paula é de outro culto, religião, porque não proíbe eles de dançar, tenho de ver se ela conhece esse outro culto. Mas isto é outro problema... religião *pá* fogo, nunca mais saem daqui...

E- Por acaso até tinha lido qualquer coisa sobre a questão da religião nas comunidades ciganas e pensei “não me vou debruçar sobre isto porque não estou ainda a ver aperceber-me disto...”

e- Bom daqui a pouco quando ele descobrir que há Teatro, é proibido fazer teatro, quer dizer... é demónio!

E- É complexo!

e- Grave, muito grave. Eu não sei... o que eu faço é que toda a gente venha a notar...

E- Não podes obrigar.

e. Pois não, não posso. Não sei no que é que vai dar. O cerco está tão... esses jovens, miúdos estão cercados por... cheios de preconceitos de um lado, cheio de proibição do outro, limitação, quer dizer... é por todos os lados.

E- É da própria comunidade e da própria família que é uma coisa...

e- Da família, da religião, da sociedade, cigano, homem, mulher, acabou ãh... (sopro) fogo! Depois inclusive como eles se reproduzem muito a uns e outros, entre famílias, há muita deficiência, há muitos miúdos que têm a (imperceptível), não porque são ciganos estúpidos mas porque têm problemas psicológicos, é genético. Portanto se tu és uma menina e geralmente com atraso mental, cigana, pobre, num bairro, não vais ter um futuro é mesmo assim, as portas fecham-se todas... nem a escola é uma salvação, não vais encontrar salvação na escola, muito poucas vezes não é! Na família vão-se casar, na religião proíbe dançar agora, quer dizer é “pá, pá, pá” é horrível, é horrível. Depois tens de provar, tens que mostrar aos outros, a todos do resto da sociedade o que tu és: mais limpo, mais... o resto é comum aos imortais, quer dizer... os miúdos têm que ser mais perfeitos que os outros miúdos porquê?! Tem que ser melhor que os outros?! Eu perdo a um branquinho de classe média de não trabalhar na escola, alguns ciganos preferem trabalhar na escola... *pocha*, e os outros, não é?! Os ciganos é falta de respeito “ah sim então eles que mandem bocas racistas” e não sei quê, não, aí estão perdoados não é! Eles podem dizer as bocas racistas agora os ciganos não podem, os ciganos têm de se portar bem, têm de ser perfeitos, limpinhos, bem comportados, com bons resultados na escola, tudo direitinho. Os outros: “ah é normal”, bom... perdoa-se, caraças continuam a ser jovens como outros jovens qualquer a ter direito de chumbar, a ter direito de roubar uma coisa na loja porque faz parte de confrontar com a lei, tal e qual como outros jovens fazem quer dizer... eles não têm direito a nada disso! Eles não querem ser inseridos na sociedade mas tu queres trabalhar com eles tu dás trabalho a eles? Não! Então como tu queres que eles se inserem. “Ah os ciganos não querem trabalhar!”, “Tu que recusaste o cigano”, não!

[Continuam a falar das injustiças]